

Mateus 23:37

Vincent Cheung

Copyright © 2006 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

MATEUS 23:37

Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram.

Quando os Arminianos atacam as doutrinas bíblicas da soberania divina, eleição, reprovação, e assim por diante, este é um dos versículos que eles frequentemente mencionam para apoiar a posição deles. O que Jesus “queria” não foi realizado porque as pessoas “não estavam querendo”. Supostamente isto mostra que o homem possui um livre-arbítrio que pode se opor à vontade divina, de forma que o desejo de Deus pode finalmente ser frustrado, e sua graça pode ser resistida com sucesso. O que se segue não oferecerá uma exposição positiva do sistema bíblica, mas apenas mostrará que este versículo não pode ser usado para apoiar o Arminianismo.

Quanto ao esquema chamado Calvinismo, podemos distingui-lo entre duas formas. Chamaremos um de visão bíblica ou consistente, e o outro de visão popular ou inconsistente.

O Calvinismo consistente afirma com a Escritura que a soberania divina é incompatível com a liberdade humana, e visto que a Escritura ensina que Deus é absolutamente soberano, isto exclui e destrói completamente a liberdade humana. O homem não tem nenhum livre arbítrio; ele não é livre de forma alguma. É verdade que o homem exerce sua vontade – ele faz decisões – mas sua vontade não é livre. Antes, sua vontade – como ele faz decisões e quais decisões ele faz – é direta e constantemente controlada por Deus tanto para o bem como para o mal, tanto para a fé como para a incredulidade. E Deus é justo por definição em todas as ações que ele realiza sobre as criaturas. Eu já ofereci exposições completas deste esquema bíblico em outros lugares.

Então, há a forma popular de Calvinismo. Este é a visão inconsistente que diz que a soberania divina e a liberdade humana são “compatíveis” em algum sentido; que a responsabilidade moral pressupõe em alguma medida ou sentido uma “auto-determinação”; que Deus tem desejos que contradizem uns aos outros, que Deus faz com que os decretos divinos causem coisas *contra* o que ele deseja, talvez para estabelecer o que ele mais deseja; que Deus pode decretar a reprovação de indivíduos, tornando impossível que eles creiam, mas ainda oferecer “sinceramente” a salvação a eles, se eles puderem crer; que Deus de alguma forma governa o mal, mas não tem relação causativa direta para com ele; que Adão foi criado inocente e sem mal, mas pôde de alguma forma realizar o mal, sem Deus fazer com que ele agisse assim; que podemos afirmar a realidade do mal, mas negar que Deus exerce algum poder causativo direto sobre ele e ainda assim evitar de alguma forma cair num deísmo ou dualismo; que podemos afirmar ambos os lados de uma contradição “aparente”, e que a Escritura ensina doutrinas “aparentemente” contraditórias que não são contradições reais na mente de Deus. Não faremos nenhuma tentativa para defender este pacote anti-bíblico e irracional de confusão.

Começaremos observando o contexto no qual nosso versículo aparece. Aconselho que você leia Mateus 23 em sua inteireza antes de continuar lendo, mas se te faltar a paciência, pelo menos leia-o após ler esta exposição. Isso te ajudará a captar melhor os pontos que estabeleceremos. Lucas 13:34 é um versículo paralelo. Ali o contexto, em termos do *assunto* levantado pelos versículos em volta, é similar o suficiente, de forma que ele não demanda um tratamento separado. E por causa disto, eu não prestarei nenhuma atenção a este outro versículo em nossa discussão. Após termos completado nossa discussão sobre Mateus 23:37, você não terá nenhum problema com Lucas 13:34.

O capítulo começa, nos versículos 1-12, com Jesus fazendo algumas considerações sobre a hipocrisia dos escribas e fariseus. Ele diz que até onde eles ensinavam a lei, as pessoas deveriam obedecer. Então, ele adiciona: “Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los” (v. 3-4).

Nos versículos 13-32, ele pronuncia sete “ai’s” sobre eles, citando as acusações que ele tinha contra eles juntamente com cada “ai”. Esta porção do capítulo é essencial para um entendimento apropriado do versículo 37. À medida que você ler estes versículos, observe como Jesus pronuncia um “ai” após o outro, e observe a intensidade com que ele faz isso. Então observe *a quem* ele está dirigindo estes “ai’s” de uma maneira dura: “Ai **de vocês**, escribas¹ e fariseus, hipócritas!”. Observe todas as ocorrências nas quais ele dirige suas declarações a “vocês” – os escribas e fariseus. Preste atenção especial ao versículo 13, que diz: “Ai de **vocês**, escribas e fariseus, hipócritas! Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens! **Vocês** mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo”.

Então, nos versículos 33-36, ele os identifica com aqueles que, por toda a história de Israel, tinham matado os profetas que Deus enviava ao povo. Ele diz: “E, assim, **sobre vocês** recairá todo o sangue justo derramado na terra... Eu lhes asseguro que tudo isso sobrevirá a **esta geração**” (v. 35-36). Sem dúvida, ele está se referindo à destruição iminente do templo. O contexto comprova isto, visto que vários versículos adiante, lemos: “Jesus saiu *do templo* e, enquanto caminhava, seus discípulos aproximaram-se dele para lhe mostrar as construções do templo. ‘Vocês estão vendo tudo isto?’, perguntou ele. ‘Eu lhes garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas’” (Mateus 24:1-2). Esta predição foi cumprida em 70 d.C., isto é, na mesma geração a qual Jesus ministrou e pregou, e a mesma geração que o assassinou. As pessoas foram massacradas e o templo foi destruído.

Jesus não mudou o assunto quando ele chega ao versículo 37. O versículo seguinte ainda se refere à destruição do templo: “Eis que a casa de vocês ficará deserta” (v. 38). De fato, como já observamos, ele ainda está no mesmo assunto com o qual Mateus 24 começa. E é com *este* pano de fundo em mente que deveríamos ler nosso versículo: “Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram”.

¹ Ou “mestres da lei”, em algumas versões. (Nota do Tradutor)

Aqui “Jerusalém” não se refere à cidade física, ou a toda pessoa considerada individualmente na cidade. “Jerusalém” é dita ser aquela que “mata os profetas”, e no contexto, aqueles que matariam os profetas são os líderes do povo – incluindo os escribas e fariseus. Eles imitam seus antepassados que “assassinaram os profetas” (ver v. 29-32). No versículo 34, Jesus diz que ele está prestes a enviá-los profetas e mestres, e estes líderes iriam maltratá-los assim como os seus antepassados maltrataram os antigos profetas: “Por isso, eu lhes estou enviando profetas, sábios e mestres. A uns vocês matarão e crucificarão; a outros açoitarão nas sinagogas de vocês e perseguirão de cidade em cidade”.

Quanto aos “filhos” no versículo 37, naturalmente eles eram as pessoas que viviam sob a autoridade e direção destes líderes. Líderes religiosos e políticos são algumas vezes chamados de “pais” na Escritura (Atos 7:2, 22:1), e aqueles sobre quem eles exercem poder e influência são chamados de “filhos” (Mateus 12:27; Isaías 8:18).

Deveríamos observar primeiro, então, que este versículo não pode se referir à disposição ou à fé de indivíduos para aceitar o evangelho, pois de outra forma o versículo deveria dizer: “Eu quis reunir *vocês*... mas *vocês* não quiseram”, ou “eu quis reunir os *seus filhos*... mas *seus filhos* não quiseram”. Mas o versículo diz: “Eu quis reunir os *seus filhos*... mas *vocês* não quiseram”. Não foram os “filhos” que resistiram, mas o “vocês” que resistiram para evitar os “filhos” de serem reunidos. O versículo, portanto, está se referindo à mesma coisa já mencionada no versículo 13: “Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo”.

Os Arminianos podem afirmar a liberdade humana e negar que Deus controla diretamente uma pessoa para crer ou descreer. Mas tendo negado o controle a Deus, supomos que nem mesmo eles são tolos o suficiente para então voltar e atribuir a líderes *humanos* políticos e religiosos o controle interno direto sobre as mentes do povo, como se os fariseus possuísem maior controle do que Deus sobre as pessoas, de forma que eles poderiam ter misericórdia de quem quisessem ter misericórdia, e endurecer a quem eles desejassem endurecer. Não, é evidente que os versículos 13 e 37 estão se referindo a como os líderes humanos impediam os profetas sobre um nível puramente humano e externo, para evitar que a mensagem deles chegasse até o povo, e para evitar que o povo abraçasse tal mensagem. Jesus está falando sobre uma influência social e externa, não de um poder metafísico e interno.

Segue-se, então, que o “eu quis” no versículo 37 está se referindo ao relacionamento de Jesus com aqueles líderes e o povo deles sobre um nível humano e externo. Não há nenhuma indicação neste versículo de que o desejo divino ou o decreto divino pode ser resistido com sucesso simplesmente porque alguém “não está querendo”. A Bíblia é clara sobre o ensino de que, se alguém está indisposto, é porque Deus o *tornou* indisposto (João 12:40; Romanos 9:18, 11:7), e se alguém está disposto, é porque Deus o *tornou* disposto (João 6:44, 65). Ninguém que Deus torne indisposto pode vir (João 6:44), e ninguém que Deus torne disposto pode recuar (João 6:37).

Uma objeção que pode se levantar é que o que é atribuído ao “eu” aqui não pode ser realizado por Jesus considerando-se um nível puramente humano. Mas em quase qualquer outro contexto, talvez numa discussão sobre a deidade de Cristo, até mesmo os Arminianos admitiriam que como Deus-homem, a Escritura nem sempre distingue meticulosamente o que é atribuído à sua natureza divina e o que é atribuído à sua

natureza humana. Nós podemos fazer a distinção quando devemos, mas a Escritura nem sempre faz esta distinção.

Por exemplo, em João 4:10, Jesus é ao mesmo tempo alguém que pede água para beber, e alguém que dá água viva. Mas Jesus em sua natureza divina não pode ficar com sede. Em Atos 3:15, Pedro diz aos judeus: “Vocês mataram o autor da vida”. Mas Jesus em sua natureza divina não poderia ser morto. Certamente, este não é um problema para a inspiração da Escritura, para a deidade de Cristo ou para a doutrina da encarnação. Antes, é um testemunho do fato de que a natureza divina e a natureza humana estão de fato intimamente unidas em Cristo, e, todavia, ainda permanecem distinguíveis, de forma que não há nenhuma mistura ou confusão. Uma não é divinizada, e a outra não é humanizada.

De qualquer forma, é possível responder a objeção a partir do próprio versículo. Observe que o envio dos profetas não é atribuído ao “eu”; antes, somente a reunião dos filhos é assim atribuído. E visto que a reunião está se referindo ao ministério sobre um nível humano e externo, isto não demanda um assunto divino. O fato de que um ministério é resistido num nível humano não diz nada sobre a soberania divina ou a liberdade humana sobre um nível metafísico.

Embora possamos trazer à tona detalhes adicionais para fortalecer o caso, nosso presente esforço foi mais do que suficiente. Já mostramos que o versículo não concede nenhum suporte à heresia do Arminianismo, e urgimos que seus aderentes abandonem seu pensamento humanístico para abraçar a doutrina bíblica.

Nem pode o falso esquema do Calvinismo inconsistente encontrar refúgio aqui, visto que nosso caso se aplica igualmente contra eles e o uso impróprio deste versículo por eles, por exemplo, em seus ensinamentos sobre a “oferta sincera” do evangelho e sobre a tensão entre os desejos contraditórios na mente de Deus. Nós urgimos que os aderentes desta teologia anti-bíblica abandonem seu irracionalismo, e finalmente removam todos os traços da heresia Arminiana do seu pensamento.